

## ***Apresentação***

Não seria necessário, a rigor, justificar a publicação de um simpósio de atualização em aspectos científicos e médicos pertinentes à Hipertensão Arterial Sistêmica, em periódico como a Revista do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto.

Afinal, foi no seio desta Instituição que escolas de ciência geniais, como as de Rocha e Silva, de Sérgio Ferreira e de Eduardo Krieger, desenvolveram-se e produziram conquistas tão decisivas como as relacionadas com a descoberta da bradicinina, do bloqueio farmacológico da enzima conversora da angiotensina, e de inúmeros mecanismos neurogênicos de hipertensão arterial.

Mas, além dessa razão essencialmente histórica, outras existem para realçar em plenitude a oportunidade desta publicação especial, no contexto da atual linha editorial do periódico.

Trata-se do reconhecimento explícito da relevância de tema, inteiramente afeito a pelo menos duas especialidades da Medicina Interna, a Cardiologia e a Nefrologia.

Ademais, o conhecimento de muitos dos seus aspectos médicos desperta intenso interesse quanto ao aprendizado e à prática da Medicina contemporânea, desde o nível do estudante no curso de graduação até o do profissional atuante em política de saúde em caráter nacional.

Há estimativas, objetivamente, fundamentadas na literatura sobre a prevalência de hipertensão arterial sistêmica na população geral adulta, situando-a entre 12 e 18 %. Essas cifras são suficientes para caracterizar a afecção como real problema de saúde pública.

Não obstante o ingente acervo de conhecimentos derivados de intensa pesquisa dedicada ao tema, a etiopatogenia da hipertensão

---

arterial sistêmica permanece obscura. Múltiplos fatores, certamente, confluem em graus variáveis, em circunstâncias diversas, para desencadear o desvio da normalidade assim rotulado. É forçoso reconhecer, contudo, que aproximadamente 90 % dos indivíduos com essa característica, não apresentando mecanismos individualizáveis para elevação dos níveis tensionais, não podem se beneficiar com tratamento ou cura definitivos. Este fato demanda permanente esforço dirigido ao esclarecimento da fisiopatologia da doença.

A hipertensão arterial sistêmica constitui fator de risco, epidemiologicamente, indiscutível para morbidade e mortalidade cardiovascular. Este conceito aplica-se especialmente ao flagelo contemporâneo, representado pela doença isquêmica do miocárdio.

Outro aspecto revestido do maior significado clínico refere-se ao inequívoco valor prognóstico positivo que se confere ao controle da doença, mediante diversos princípios de tratamento. Esta observação é fundamental no contexto da extensa gama de meios diagnósticos disponíveis para caracterizar os danos orgânicos causados pela hipertensão arterial sistêmica, bem como o dilatado arsenal de recursos farmacológicos utilizável para o seu controle.

Muitas das contribuições divulgadas neste simpósio representam visões críticas, aprofundadas e abrangentes sobre fisiopatologia, métodos diagnósticos, e tratamento dessa entidade nosológica.

Sem qualquer veleidade quanto a esgotar o tema, creio que, pelo teor de cada artigo, e pela excepcional capacitação de seus Autores, esta iniciativa da Divisão de Cardiologia do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, promovendo o I Simpósio de Atualização em Hipertensão, possa ter resultado em publicação de alguma utilidade para os leitores deste prestigioso periódico.

JOSÉ A. MARIN-NETO

Professor Titular, Coordenador da Divisão de  
Cardiologia do Departamento de Clínica Médica do  
HCFMRP-USP